



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
CAMPUS BINACIONAL OIAPOQUE
CURSO LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MEMÓRIAS SOBRE A “EDUCAÇÃO ESCOLAR” ENTRE OS PALIKUR-ARUKWAYENE

KIYMINAKI AMIM KANUHWAKI GIBETKIS PARIKWENE-ARUKWAYENE

Izaias Labontê

Oiapoque, novembro de 2025.

IZAIAS LABONTÊ

MEMÓRIAS SOBRE A “EDUCAÇÃO ESCOLAR” ENTRE OS PALIKUR-ARUKWAYENE

KIYMINAKI AMIM KANUHWAKI GIBETKIS PARIKWENE-ARUKWAYENE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – CLII, da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional de Oiapoque, na área de Ciências Humanas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Intercultural Indígena, habilitação Ciências Humanas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carina Santos de Almeida

Banca Examinadora:

Profa. Esp. Lenise Felício Iaparrá – externa

Palikur-Arukwayano – Mestranda em Estudos de Cultura e Política

Prof. Ms. Adonias Guiome Ioiô – externo

Palikur-Arukwayene – Mestre e doutorando em Antropologia Social

Profa. Dra. Mary Gonçalves Fonseca – interna

Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – UNIFAP

Profa. Dra. Carina Santos de Almeida – presidente e orientadora

Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – UNIFAP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2 / 1569

L122m Labontê, Izaias.

Memórias sobre a “educação escolar” entre os Palikur-Arukwayene / Izaias Labontê. -
Oiapoque, 2025.

1 recurso eletrônico.
19 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá,
Coordenação do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Oiapoque, 2025.

Orientadora: Carina Santos de Almeida.
Coorientador: .

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Palikur-Arukwayene. 2. Educação escolar. 3. História indígena. I. Almeida, Carina Santos
de, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 371.8298081

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram e me apoiaram para terminar o meu Trabalho de conclusão de Curso. Agradeço a minha orientadora, professora Carina, pela paciência e por acreditar em mim.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta informações sobre o processo de escolarização entre o povo Palikur-Arukawyene, em especial, sobre a criação da escola na principal aldeia do povo, Kumenê, que iniciou suas primeiras atividades na década de 1960. Este estudo também considera as relações estabelecidas entre o povo e a chegada dos missionários evangélicos em meados do século XX, mostrando uma aproximação entre a escrita e a aceitação da escola. Meu estudo foi desenvolvido a partir das conversas que tive com antigos de nossa comunidade, como os senhores Carlos Ioiô, Sindrônio Labontê e Manoel Antônio dos Santos, portanto, pretende contribuir para que os mais jovens conheçam elementos de memória e história da escola entre o povo Palikur-Arukayene.

PALAVRAS-CHAVE

Palikur-Arukwayene; Escola; Educação escolar; Memória; História Indígena.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 <i>Autobiografia e trajetória escolar</i>	7
1.2 <i>Considerações sobre a pesquisa</i>	9
2. HISTÓRIA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ENTRE OS PALIKUR-ARUKWAYENE	11
2.1 <i>As relações entre educação escolar e religião no Urukawá</i>	11
2.2 <i>A “educação escolar” entre os Palikur: as primeiras experiências de escola</i>	14
2.3 <i>A criação da Escola Moisés Laparrá</i>	17
3. PALAVRAS FINAIS	19
REFERÊNCIAS	19

1. INTRODUÇÃO

A escola para o povo Palikur hoje traz conhecimentos, sendo muito importante. No passado não era assim. Ela não trazia e nem era importante, não precisávamos de escola. Atualmente, ela é fundamental, ensina a ler e a escrever, tanto na língua parikwaki como no português, ensina a calcular, a conhecer outras culturas, a entender os outros, enfim, a escola ensina sobre o povo Palikur e dos diversos povos.

A educação do povo Palikur vem da memória dos pais, que desde pequenos aprenderam como fazer as atividades. Os pais adquiriram conhecimentos com os antigos e, assim, ensinam o que sabem para os filhos, para que aprendam a conhecer e a fazer as coisas. Um dos principais ensinamentos transmitidos pelos pais, é que eles sempre falam aos filhos para que respeitem os mais velhos. Onde está um senhor mais velho, deve-se dar bom dia com respeito, porque tem pessoas mais velhas que se você não dá bom dia, com respeito na língua nossa, elas não respondem. Por exemplo, cito duas formas de se cumprimentar na língua padrão: – *Ba pis ay maygukuneh!* E: – *Ba pis ay bokneh!* Os pais sabem e repassam conhecimento para os filhos, isso é o que chamamos de educação indígena.

Os antigos Palikur tem profundo conhecimento que vem da memória, sabem exatamente por que exercitam a ação de contar histórias que vem das lembranças. Recordo que as noites são excelentes momentos para a contação de histórias. Antigamente, quando era noite de lua cheia, os mais velhos costumavam chamar as crianças para fazer uma contação de historinhas. É assim que os palikur vivem sua identidade em nossa sua região.

1.1 Autobiografia e trajetória escolar

Meu nome é Izaias Labontê, tenho 54 anos de idade e nasci em 12 de fevereiro de 1971, na Aldeia Tawary. Embora meu nome Zai venha da língua Kheuol, eu sou do povo Palikur-Arukwayene. Meu pai chama-se Sindrônio Labontê, ele nasceu no Kwikwit e foi levado para São George para ser criado por um senhor crioulo. Minha mãe Juliana Leôncio

nasceu na Montanha Ukup. Tenho vários irmãos, como Clufácio, Ivete, Marlene, Sandra e Farizeu, sendo que nós todos fomos criados na Aldeia Tawary, no rio Urukawá. Meus avós paternos se chamam Cecília Norino, da família Ioiô, que nasceu em São George, e Camilo Labontê. Infelizmente não tive a oportunidade de conviver com meus avós paternos e muito menos maternos, pois já tinham falecido quando nasci.

Me casei jovem, quando tinha 20 anos, com Angelita Iaparrá, que apesar de moradora da Aldeia Kumenê, seus pais naquele tempo tinham roça na minha Aldeia Tawary, por isso, casamos e ficamos morando ali. Meus filhos se chamam Lidiane, que não tem nome na língua, Túlio que se chama na língua Wagaygi, Carlene que também se chama Tawat na língua, Emerson que se chama Marakwa, Elaine que se chama Warukumayka, Kesio que se chama Pawtakno, Cailene que se chama Wahuwniyan, já meus filhos Haila, Bruna, Taylon e Karin Mael – que nasceu em São George, é filho da minha filha Carlene e quem acabei criando desde pequeno – , não tem nome na língua.

Da 1ª a 4ª série estudei na Escola Tawary, com os professores Sinval Sedô (saramaká), Inácio Felício (Palikur), Genésio Forte (Karipuna), Selly Pereira Rodrigues, não indígena que trabalhava na Fundação Nacional do Índio (Funai), Marluvia (não indígena), Jacielida (não indígena), Celia (não indígena), e os irmão não indígenas Laércio e Cristina. Quando me casei e nos mudamos para a Aldeia Kumenê, pude estudar na escola que tinha ali, onde terminei o Ensino Fundamental no supletivo. Posteriormente, tive a oportunidade de estudar no Magistério Indígena, na Aldeia Manga, de novembro de 2003 até março de 2004, sendo colega de formação dos professores Ivanildo, José Passinho, Adonias, Henrique, Nonato, Deuzarina e Verônica.

Quando era pequeno e estudava na escola tive muitas dificuldades em aprender em português, inclusive, tenho dificuldades até hoje! Tem muita palavra que não entendo. Sou professor contratado na Escola Indígena Moisés Iaparrá desde 2004 e dou aulas na língua parikwaki, ensino muito pouco no português. No início eu não queria ser professor, queria ser enfermeiro, mas meu amigo e professor finado José Passinho me estimulou a estudar para ser professor, então eu segui esse conselho e ingressei nessa carreira profissional.

Em 2009 perdi a oportunidade de fazer concurso para professor, mas venho nestes anos atuando na escola Moisés Iaparrá como professor do contrato visando fortalecer o ensino entre o meu povo. Na realidade, venho lecionando há muitos anos para alunos da

1ª série (1º ano) até a 4ª série (5º ano). Com isso, em 2010 decidi que deveria continuar estudando e fiz o vestibular na Universidade Federal do Amapá (Unifap), pois ajudaria na minha profissão. Como aluno do curso, escolhi seguir na área de Ciências Humanas do Curso de Educação Escolar Indígena, que hoje se chama Licenciatura Intercultural Indígena, pois gostava de conhecer as histórias que os mais velhos contavam antigamente, pois eles traziam memórias que podemos recuperar sobre a nossa história do povo Palikur.

1.2 Considerações sobre a pesquisa

Este trabalho em formato de artigo tem como objetivo conhecer um pouco sobre a história da educação escolar entre o povo Palikur-Arukwayene. Houve acontecimentos importantes que levaram a fundação da escola do Rio Urukawá no ano de 1965, na Aldeia Kumenê. Esse tema é importante e queria nesse trabalho contar sobre a história da implantação da educação escolar na Aldeia Kumenê, destacando essa experiência de transformação na vida do povo Palikur.

A ideia de escrever sobre a educação escolar na Aldeia Kumenê veio por estímulo dos professores da universidade, como as professoras Meire Adriana e Rejane. Na universidade conversávamos sobre a importância de nossas memórias e que não queremos perder as nossas histórias, é fundamental estudar elas. A Escola Indígena Moisés Iaparrá se localiza na Aldeia Kumenê, na Terra Indígena Uaçá, onde vive a etnia Palikur-Arukwayene há muito tempo. Este povo é falante da língua parikwaki, do tronco linguístico arawak.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é modesto, mas procura apresentar informações sobre o processo de educação escolar que vem transformando a vida do povo Palikur na Aldeia Kumenê, assim, busca responder as seguintes questões: a) Quando iniciou a “educação” escolar entre os Palikur? b) Quem foi responsável pela instalação da educação escolar entre os Palikur? c) Quando foi criada a escola entre os Palikur da Aldeia Kumenê?

Hoje, a Escola Moisés Iaparrá é a maior do povo e atende toda a comunidade, sendo que seu ensino se desenvolve na nossa aldeia principal, o Kumenê. Esta pesquisa fez um estudo sobre o processo de introdução da educação escolar entre o meu povo no Kumenê

e procura trazer as memórias de pessoas antigas que acompanharam este processo de transformação que passou a ocorrer principalmente a partir das décadas de 1940 e 1950, até chegar a fundação da Escola do Rio Urukawá, chamada hoje de Escola Indígena Moisés Iaparrá, no ano de 1965.

Para fazer meu estudo, conversei com algumas pessoas da comunidade que aceitaram falar sobre a criação da escola. Minhas entrevistas ocorreram a partir de conversas, portanto, fiz uma etnografia sobre o contexto histórico de criação da Escola na Aldeia Kumenê. Conversei com o senhor Carlos Ioiô, que mora no Kumenê, com o senhor Manoel Antônio dos Santos (Wet), que faleceu em 2018 e, principalmente, com o meu pai Sindrônio Labontê, que faleceu em 2019. Escolhi essas pessoas porque elas sabem bastante da história do povo, do passado.

2. HISTÓRIA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ENTRE OS PALIKUR-ARUKWAYENE

As aldeias Palikur então localizadas principalmente nas margens do Rio Urukawá, na Terra indígena Uaçá, município de Oiapoque-AP, além das aldeias da BR-156. Ao todo, o povo Palikur-Arukwayene alcança uma população de aproximadamente 1.574 pessoas, segundo polo base da saúde (2024), envolvendo as aldeias do rio Urukawá. O Kumenê é a maior e a principal aldeia dos Palikur, sendo que atualmente existem as seguintes aldeias: 1) Kumenê. 2) Kwikwit; 3) Kamuywa; 4) Pawaytiket; 5) Amomni; 6) Urubu; 7) Tawary; 8) Flecha; 9) Mangue I (Mawih), e temos as aldeias da BR 156: 10) Kuahí; 11) Iwawka e, 12) Ikawakun. Sendo que agora que fizeram o ramal que liga o rio Urukawá a BR-156, temos outras aldeias se formando ao longo dessa nova estrada.

Os Palikur mantêm contato com outros povos indígenas de sua região, como os Karipuna, os Galibi-Marworno e os Galibi-Kalin'a que também vivem na Terra Indígena Uaçá e nas outras terras indígenas da região, como Juminã e Galibi.

2.1 As relações entre educação escolar e religião no Urukawá

Antes dos Palikur aceitarem de fato a educação escolar na Aldeia Kumenê, foram influenciados pela religião evangélica que foi introduzida no século XX. Nesse aspecto, recordo-me que o pastor Glenn costumava nos dizer: – *Vocês já aceitaram a religião, então vem vindo mais sorte para vocês Palikur! Ainda tem coisas boas para vocês no futuro, como ser enfermeiro, professor, pastores, entre outros.* Seu Carlos Ioiô, com quem conversei, comentou sobre a chegada dos “pastores religiosos” aqui na região do Urukawá no início dos anos 1960, em 1963. Ele afirmou que ninguém sabia quem eram essas pessoas. Esses missionários chegaram no momento da festa do finado senhor Manuel Labontê, pai do professor Obede, e ficaram na beira do rio por três dias, sem subir na Aldeia Mawghi, conhecida como Aldeia Mangue. Seu Carlos comentou que as crianças foram na beira do rio ver a canoa de oba que estava no porto. Como essas pessoas não eram conhecidas, o senhor Moisés Iaparrá falou para o senhor Leon Orlando que iria conversar com eles. E assim foi.

Os missionários disseram ao senhor Moisés que estavam com medo dos “índios” porque acreditavam que matavam gente, como àqueles do passado. Naquele momento, o

senhor Moisés explicou-lhes que os Palikur já tinham conversado com o “SPI”, Serviço de Proteção aos Índios, que tinha sede do indigenismo brasileiro no Encruzo, e que tinha como chefe o senhor Eurico Fernandes. Nestes tempos, nós, os Palikur, não falávamos português, somente a língua materna. Seu Carlos explicou que Moisés Iaparrá viveu no Rio de Janeiro e lá estudou por dez anos, tendo aprendido português. Mais adiante irei falar mais sobre Moisés Iaparrá, o patrono de nossa escola na Aldeia Kumenê.

Retomando a história da chegada desses primeiros missionários, eles foram convidados pelo finado Manuel Labontê para um almoço, quando o senhor Moisés Iaparrá lhes perguntou o que estavam fazendo ali, no Urukawá. Eles informaram que estavam “pregando a palavra de Deus”.

Então, chamaram outro senhor, Paulo Orlando, que também sabia falar um pouco de inglês. O senhor Moisés ajudou seu Paulo na tradução e comunicação entre estes missionários e o povo Palikur. Depois destes contatos, esses homens foram embora, retornando, posteriormente, ao Urukawá. Na volta, os missionários batizaram seu Paulo e mais três Palikur. Contudo, os missionários novamente foram embora e seu Paulo continuou pregando a religião no rio Urukawá, porém, com o tempo, seu Paulo deixou essa crença.

O senhor Carlos Ioiô comentou que a partir de 1964 ou 1965 estes missionários foram embora e deixaram os Palikur, então chegou outro pastor que eles também não conheciam, este homem ficou um dia e foi embora. Em seguida chegou outra equipe de missionários, que eram da Igreja Batista, o casal de missionários norte-americanos Diana e Harold Green. Vieram para conversar com o cacique, que naquele tempo era Moisés Iaparrá. Os missionários disseram que vinham fazer estudo sobre os Palikur. Também disseram que vieram fazer a tradução da bíblia em Palikur, para que aprendêssemos na língua a ler e compreender o que está escrito na Bíblia. Estes missionários disseram que não vieram pregar a palavra de Deus, mas sim traduzir a Bíblia em Palikur.

Imagem 1: Fotografia de meu entrevista, seu Carlos Ioiô, em 2025



Fonte: Cedida pela senhora Nezita, 2025.

Em 1967 a 1968 chegou o pastor missionário norte-americano chamado Glenn, da Assembleia de Deus. Nessa época, o casal de missionários Diana e Harold Green já viviam na Aldeia Kumenê¹, eles moravam com seu Paulo Orlando, que naquela época era um dos

¹ Os missionários Diana e Haroldo Green chegaram ao Rio Urukawa em 1965 para iniciar a missão. Eles eram norte-americanos membros do Summer Institute of Linguistics (SIL). Inicialmente moraram na

primeiros moradores da Aldeia Kumenê. Segundo o estudo do professor Ivanildo Gomes (2011), Diana Green era enfermeira e passou a tratar a saúde dos Palikur. Por causa disso, o pastor Glenn foi pregar a palavra de Deus em outra aldeia, no Mawghi, em um escola que havia lá, inicialmente sem ser esperado. Ele costumava ir e voltar da cidade de Oiapoque para missionar e realizar culto e pregar a palavra de Deus, semanalmente, entre os Palikur.

Posteriormente, quando da saída do casal Green, esse missionário da Igreja Assembleia de Deus foi morar e fazer culto na casa de seu Paulo Orlando. Todas as pessoas foram participar desse culto do pastor Glenn que começava a “batizar” os Palikur,² quase todos foram batizados, apenas os Palikur que moravam no Sawanap (Ukup) ainda não haviam sido batizados e nem se convertidos para a nova religião. Ocorreu que os Palikur do Ukup foram um dia na Aldeia Kumenê para conhecer a nova religião, vindo a serem batizados. Seu Carlos Ioiô acredita que naquela época viviam poucas pessoas no Kumenê, uns 30 homens e 30 mulheres, totalizando cerca de 60 pessoas, e todos aceitaram a nova religião da Igreja Assembleia de Deus.

O pastor Glenn ficou por dois meses realizando a pregação da nova religião. Ele começava a fazer oração pedindo a Deus para mandar seu “espírito” sobre os Palikur, para que pudesse receber o batismo de fogo, os Palikur caíam no chão e, quando se levantavam, começavam a falar uma língua estranha. Até hoje a maioria dos Palikur são adeptos da Igreja Assembleia de Deus.

2.2 A “educação escolar” entre os Palikur: as primeiras experiências de escola

A educação escolar começou num local conhecido como Monte Ukup (ver fotografia adiante), chamado em Palikur de Sawanap. Conforme afirmou o professor Ivanildo Gomes (2011), a escola começou pelos anos 1940 e 1950 entre os Palikur, assim, foi aceita pelo cacique Serinício Ioiô, tendo como primeiras professoras as senhoras Katia e Patrícia, que vieram da Vila Dimuti, localidade que fica na entrada da Terra Indígena Juminã. Segundo

escola abandonada localizada na Aldeia Mangue (Mawghi), depois mudaram-se para na Aldeia Kumenê que na época tinha apenas três casas pertencentes as famílias dos irmãos Paulo Orlando e Leon Orlando e de um cunhado. Como informado, o objetivo deste casal era estudar a língua e fazer a tradução da Bíblia para a língua Palikur.

² O “batismo” é ação realizada pelo pastor a partir do momento em que o Palikur aceitava a palavra de Deus pregada na condição de nova religião.

informou o senhor Sidrônio Labontê, essa vila não existe mais, as pessoas foram se mudando para a vila Nova que se localiza nas margens do Rio Oiapoque e acima desta região. Então, naquela época, os professores lecionavam suas aulas dentro da casa do cacique, porém, estas professoras não foram bem recebidas pelos Palikur. O cacique Serinício aceitou a escola depois que voltou da Guiana Francesa, foi lá que ele viu escolas.

Seu Carlos Ioiô recorda que antes da chegada dos não indígenas na região do Uaçá, pela década de 1930, os povos Palikur do Rio Urukawá viviam nas margens dos rios e nas pequenas ilhas, e por residirem de forma dispersa, tinham menos dificuldade para pescar, caçar e realizar os afazeres cotidianos. Seus acampamentos de moradia eram na beira do Urukawá.

Nessa época, o povo não aderiu à escola, pois todos pensavam que ela não trazia benefícios aos filhos. A escola trazia barreira para a educação dos Palikur, porque o aluno tinha que aprender a falar o português, aprender a ler e a escrever algumas coisas que os professores passavam em conteúdo aos alunos. O senhor Carlos Ioiô, em uma conversa que tivemos há alguns anos atrás, em 2013, disse-me que é preciso aprender novos conhecimentos para que haja mudança da visão no futuro. A fotografia a seguir mostra a Ilha de Ukup, local onde foi instalada a primeira escola entre os Palikur.

Inicialmente, essa escola funcionou pouco tempo, ficou parada porque os Palikur não entendiam muito bem a importância para a comunidade. A história sobre a escola é contada pelos mais velhos Palikur até hoje. O SPI instalou um Posto Indígena em toda a região do Uaçá e com isso controlava o rio Urukawá dos Palikur, como também o rio Curipi dos Karipuna e o rio Uaçá dos Galibi-Marworno, assim, desejavam “civilizar” os indígenas. O SPI construiu escola, contratou professores para alfabetizar, ensinar a escrever, tudo isso para fazer deixar as nossas identidades de lado e só falar a língua portuguesa. Isso contribuiu para que muitos indígenas só falassem uma só língua, a brasileira.

Imagem 2: Ilha de Ukup, Sawanap onde se instalou a primeira escola entre os Palikur



Fonte: Izaías Labontê, 2013.

Seu Carlos Ioiô lembrou que no ano de 1962 foi instalada uma escola pelo SPI para os Palikur na Aldeia Mawghi, para ter um pouco de conhecimento dos não indígenas. Naquela época, um senhor chamado Passinho era professor e trabalhava junto com sua esposa Nadia, que também lecionava nessa mesma escola no Mawghi (Mangue). Esta escola funcionou por alguns anos, e por falta de entendimento de que a educação escolar traria coisas importantes para os Palikur, parou de funcionar.

Foi nesse contexto histórico já descrito anteriormente que chegou os estrangeiros missionários na beira do rio Urukawá, e, conforme seu Carlos disse, eles tinham muito medo de nós. Somente o senhor Moisés Iaparrá foi conversar com eles em português, e disse: – *Pessoal, vocês podem descer para conversar com nós, estamos aqui na festa indígena*. Depois que os homens chegaram junto na terra, os Palikur deram caxixi³ para eles. Então, eles aceitaram e beberam.

³ Caxixi ou caxiri: bebida tradicional dos Palikur, feita a base de mandioca e consumida em festas.

2.3 A criação da Escola Moisés Iaparrá

O chefe Moisés Iaparrá se tornou o patrono da Escola Indígena localizada na Aldeia Kumenê. Ele era filho de Felício Iaparrá e Ambrosina Labontê. Nasceu em 10 de julho de 1926 e tinha cinco irmãos. Seu local de nascimento não é apontado com precisão, sendo indicado o Monte Ukup ou Aldeia Massiká, às margens do rio Urukawá, são esses os locais mencionados com mais frequência.

A morte prematura de seus pais provocou a separação dos irmãos, que passaram a viver sob a guarda de parentes. Moisés ficou sob a responsabilidade de seu tio e padrinho, com quem conviveu até aproximadamente os doze anos de idade. Depois, foi levado pelo chefe de posto do SPI, Eurico Fernandes, para estudar em Belém. Em seguida, ele foi enviado para a cidade do Rio de Janeiro, onde o SPI pretendia dar continuidade a sua formação escolar e fazê-lo ingressar no serviço militar, Moisés queria servir à Marinha Brasileira, desejo que não foi realizado.

Assim, Moisés Iaparrá aproveitou o período que permaneceu na cidade para estudar por volta de 5 anos, onde cursou o Ensino Primário. Porém, não se tem informações sobre o nome da escola em que estudou no Rio de Janeiro. Ele retornou à região do rio Uaçá durante as férias escolares com o objetivo de rever os irmãos e acabou decidindo não regressar ao Rio de Janeiro. Moisés retomou a vida entre seu povo, ao longo da vida casou-se quatro vezes, em decorrências de separações espontâneas e mortes, sendo que destes casamentos teve 17 filhos.

A atuação docente de Moisés Iaparrá iniciou de forma voluntária no projeto de tradução da bíblia para a língua Palikur, desenvolvido pelos missionários Harold e Diana Green. Este projeto contemplava a tradução dos textos bíblicos e a alfabetização bilíngue do povo Palikur. Tais atividades eram desenvolvidas nas dependências ocupadas pelo SIL em suas práticas religiosas na Aldeia Kumenê.

Na década de 1970 a educação escolar tornou-se responsabilidade da Funai⁴, em substituição do SPI. Com isso, teve início o processo de educação formal ofertada pelo governo brasileiro entre os Palikur, cujas atividades começaram a ser desenvolvidas em prédio próprio denominado Escola de Primeiro Grau Urukawá, onde Moisés Iaparrá trabalhou voluntariamente como professor durante um período de um ano, pelo

⁴ Em 2023 a Funai, Fundação Nacional do Índio, passou a ser nominada como Fundação Nacional dos Povos Indígenas.

Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Além disso, Moisés foi cacique da Aldeia Mawghi, onde coordenou as atividades das comunidades menores e desenvolveu uma série de projetos em benefício do povo Palikur, como a tradução da bíblia e o cultivo de arroz, mandioca e milho, ambos incentivados pelos missionários Harold e Diana Green.

Moisés Iaparrá morreu aos 58 anos, em 14 de agosto de 1984 – dia do nascimento de seu último filho, Vivaldo Iaparrá, acredita-se que faleceu em decorrência de malária. Seu corpo foi sepultado no cemitério local, denominado Kuwap, onde seus restos mortais permanecem até os dias de hoje. Em 1995, a Escola Palikur na Aldeia Kumenê ganha um novo prédio e a comunidade, incentivada pelo professor não indígena Wiliam Araújo, decide nomear esse novo espaço escolar em homenagem a Moisés Iaparrá como seu patrono. A partir de então, a escola passou a ser oficialmente denominada Escola Estadual Indígena Moisés Iaparrá, em referência a atuação de Moisés como cacique e como primeiro professor do povo Palikur.

Segundo me contou o finado senhor Manoel Antônio dos Santos, mais conhecido como Wet, a ilha Kumenê era coberta de mata rica, com vários tipos de animais e muitas pessoas costumavam ir caçar nela. Primeiro, a ilha era chamada de Vewveket, que significa “local de caça”. Depois, um senhor chamado Waramka e sua esposa Rosinha instalaram sua casa nessa ilha. Eles foram os primeiros moradores da Aldeia Kumenê, depois também veio morar o senhor Pol e sua esposa Araykwa, pais do finado Paulo Orlando, Leon e Maria Tereza. Essas pessoas são conhecidas como os primeiros moradores do Kumenê. Tereza casou e fez sua casa ali, depois os seus irmãos também casaram e formaram suas famílias e, assim, prosseguiu a fundação da aldeia. Por isso, foi falado que antes da chegada de evangelização tinha apenas três casas. Somente após a missionaçãõ que outras pessoas foram chegando e passaram a viver nessa aldeia.

3. PALAVRAS FINAIS

Conhecer a história da educação escola na Aldeia Kumenê é crucial para o povo Palikur valorizar a sua própria identidade étnica, resgatar as memórias, as histórias e fortalecer as lutas por direito, já que a escola indígena busca preservar a cultura e a língua materna parikwaki Arukwayene, adaptando o ensino e a realidade local. Definitivamente, a escola hoje é um espaço de conquista do nosso povo.

Com esse estudo procuro deixar registrado muitas coisas que aprendi, como informações sobre a história e a cultura do meu povo, pois aprendemos com os mais velhos e eles repassam o que sabem sobre a cultura tradicional, assim, no futuro as crianças poderão ler estas palavras e conhecerem um pouco sobre a educação escolar na Aldeia Kumenê.

REFERÊNCIAS

GOMES, Ivanildo. **A história Palikur a partir da memória dos mais velhos**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Oiapoque, 2011.